

# A FALSA CIÊNCIA DO FEMINISMO –

**OS DADOS SÃO: AS MULHERES NÃO  
ESTÃO FELIZES.**



## A Falsa Ciência do Feminismo

### Os dados são: as mulheres não estão felizes.

Um olhar honesto sobre as transmissões ao vivo da violência em nossas ruas mostra que revolucionários niilistas cooptaram a raiva e a miséria de muitos jovens americanos, incluindo muitas mulheres jovens. Este perigo deve ser corrigido no curto e no longo prazo, tanto na cabine de votação como em casa. Para esse fim, apresentamos este argumento baseado em dados de que o feminismo é uma causa substancial de infelicidade e disfunção na América. Derrotá-lo e ensinar antropologia sólida a nossos filhos é necessário para restaurar a saúde de nosso regime e vida civil. - Eds.

Nossa atual crise atual está intimamente relacionada com o surgimento da política de identidade. Aqueles que conduzem nossa nova política procuram abolir o entendimento tradicional americano da família e da cidadania e querem nos separar em tribos raciais e sexuais. Não é por acaso que o manifesto do Black Lives Matter visa "romper a estrutura familiar nuclear prescrita pelo Ocidente" e libertar as pessoas "das garras do pensamento heteronormativo". Nessas aspirações, BLM e aliados se alinham perfeitamente com as aspirações do feminismo moderno. Eles fazem parte do mesmo movimento multicultural.

Para as feministas modernas, as mulheres não são feitas por natureza para serem mães, esposas ou sexualmente modestas; os homens exigem que as mulheres assumam tais funções, ou as forçam a fazê-lo, para controlá-las

mais facilmente. Para as feministas, as mulheres devem fazer identidades independentes por meio do trabalho criativo e da liberação sexual para cumprir seu dever em relação à justiça sexual e de gênero. Ostensivamente, se fizerem isso, também se tornarão livres e felizes.

Para os críticos do feminismo, por outro lado, tudo isso parece um esforço para suprimir, distorcer ou negar a natureza com uma ideologia artificial ou não natural. Muitas, embora não todas, as mulheres seriam mais felizes com a maternidade e a vida familiar mais próximas do centro de suas vidas. As mulheres devem ser instruídas a evitar o parto e abraçar a promiscuidade sexual. Deixadas por conta própria, elas seriam mais felizes com relacionamentos duradouros, em vez de ficarem apenas uma noite.

A experiência de toda a sociedade, fez surgir, nos últimos 50 anos, um novo tipo de mulher. Essa nova mulher é mais independente, aparentemente mais confiante, menos maternal, mais atlética e mais promíscua. A pergunta é: ela também está mais feliz e mais realizada?

### **As misérias da “libertação”**

Alguém poderia pensar que tais questões preocupariam os cientistas sociais. Mas estaria errado. Os pesquisadores nessas áreas estão ansiosos para observar a mudança, mas não tanto seus efeitos sobre a felicidade.

Não importa como é dividido os dados, as mulheres pós-feministas realizam trabalho remunerado muito mais do que as mulheres antes do feminismo. O Departamento do Trabalho relata essas estatísticas com um ar de celebração. Em 1974, cerca de um terço das mulheres com filhos menores de três anos trabalhava; agora esse número está perto de dois terços. Mais mulheres são advogadas e médicas, embora os campos de atuação não tenham "mantido o ritmo". Nem os salários gerais das mulheres, medidos em conjunto, se mantiveram. Sobre a leitura feminista, ainda temos um longo caminho a percorrer!

Na verdade, estudos mostram que existem dois tipos de mulheres: carreiristas (cerca de um quarto das mulheres) e mulheres que desejam conciliar o trabalho com a vida familiar ou se concentrar exclusivamente na família (os 75% restantes). Muito mais mulheres médicas e advogadas trabalham ou preferem trabalhar meio período. Pesquisas de 2013 e 2015 mostram que a maioria das mães com filhos menores de 18 anos prefere trabalhar meio período ou não trabalhar, se puderem.

A preferência feminina pelo trabalho de meio período ou por ficar em casa na verdade parece aumentar com a renda, à medida que as mulheres são liberadas de supostas necessidades. A socióloga de Harvard Alexandra Killewald descobriu que pelo menos 60% das mães com filhos menores de 18 anos não trabalham em tempo integral. A maioria das mulheres holandesas prefere trabalhar meio período. Estudos mostram a mesma coisa nos países nórdicos, mesmo enquanto jornalistas feministas se perguntam como isso pode acontecer em países tão “iluminados” como a Suécia.

A mesma lacuna existe na promiscuidade sexual. As mulheres têm mais parceiros sexuais ao longo de suas vidas do que antes do feminismo (cerca de 2 parceiros para as nascidas antes de 1930 para cerca de 6 para todas as mulheres nascidas depois de 1950 - veja a Figura 2 aqui), mas ainda há uma Lacuna entre homens e mulheres.

Alguns estudos mostram que os homens têm em média 14,14 parceiras ao longo da vida, enquanto as mulheres têm 7,12; a maioria dos estudos mostra que os homens têm duas vezes mais parceiras do que as mulheres em todo o mundo. Um estudo com estudantes universitários entre 1965-1985 mostrou aumento da promiscuidade em todas as áreas, mas mais ainda entre os homens. Um metaestudo de 2003 mostra que os homens em todo o mundo desejam ter quase 6 parceiros para toda a vida; mulheres pouco mais de 2 parceiros.

Apesar do aumento da promiscuidade feminina, as mulheres estão menos interessadas em sexo casual do que os homens e são mais propensas a pensar que o sexo pertence a relacionamentos duradouros. As mulheres que

agem como homens nesse aspecto têm muito menos probabilidade de serem felizes.

Em *Premarital Sex in America* (2011), Mark Regnerus e Jeremy Uecker apresentam dados que mostram que mulheres com maior número de parceiros sexuais ao longo da vida e anuais têm muito mais probabilidade de ficar deprimidas, tomar antidepressivos e chorar todos os dias do que mulheres que têm menos parceiros. O número de parceiras para os homens parece não ter relação com esses fatores (ver pp. 140-141). Eles concluem: “A história central sobre sexo e saúde emocional é a quão poderosa é a associação empírica para as mulheres - e quão fraca é para os homens” (p. 138). Outro estudo mostra que as mulheres que têm múltiplos parceiros sexuais têm 11 vezes mais probabilidade de apresentar sinais de depressão do que as virgens.

O feminismo moveu a alavanca nas ações e atitudes das mulheres - essa mudança radical é o triunfo do feminismo. No entanto, como esses dados mostram, há razões para suspeitar que esse triunfo traz consigo grande descontentamento pessoal - e que o descontentamento é o ponto fraco do feminismo.

### **Tragédia em números**

A ciência social pode mostrar diferenças, mas não pode explicar a diferença - e isso faz toda a diferença. Alguns veem a lacuna do trabalho em tempo integral ou a lacuna da promiscuidade como expressões de diferenças naturais. Essas lacunas cresceriam à medida que sociedades livres e prósperas capacitassem as mulheres a seguir suas preferências naturais. As feministas, porém, veem essas lacunas como vestígios de educação patriarcal e, portanto, remediáveis se o governo aprovasse um regime mais rígido de assédio sexual ou o governo fornecesse creches.

As lacunas vêm de diferenças sexuais naturais ou educação patriarcal? Devemos tentar eliminar essas lacunas com maiores reformas feministas ou propor costumes e leis para acomodá-las? Os dados não podem responder diretamente a essas questões.

Outras lacunas relacionadas à felicidade humana existem contra todas as previsões feministas. Betsey Stevenson e Justin Wolfers observaram o “paradoxo do declínio da felicidade feminina” em um artigo de 2009. A descoberta deles: “a felicidade das mulheres caiu absoluta em relação à dos homens de uma forma generalizada entre os grupos, de modo que as mulheres não relatam mais serem mais felizes do que os homens e, em muitos casos, agora relatam felicidade inferior à dos homens ... esta mudança ocorreu em grande parte no mundo industrializado.” Eles veem o número de mulheres e meninas do ensino médio que se dizem muito felizes ou realizadas cair substancialmente ou marginalmente, dependendo da pesquisa.

Mesmo os críticos de Stevenson e Wolfers podem apenas mordiscar as bordas dessa lacuna relativa, enquanto admitem que as mulheres geralmente são mais infelizes hoje do que eram em 1970. O que é mais chocante - ou melhor, não chocante, mas talvez paradoxal! - é que há tão poucos estudos acompanhando Stevenson e Wolfers ou desafiando-os.

As mulheres não estão apenas menos felizes após a conquista feminista de nossa cultura: elas estão mais deprimidas do que antes. Uma meta-análise de 2017, por exemplo, descobriu que cerca de 10% das mulheres estão deprimidas, enquanto apenas cerca de 5% dos homens estão. A lacuna é (“contra-intuitivamente”, sugerem os autores) na maior parte dos países que enfatizam a igualdade sexual. “Na meta-análise da depressão maior, as diferenças de gênero nos diagnósticos de depressão eram maiores em países onde as mulheres tinham mais controle sobre sua reprodução, ocupavam mais cargos executivos e eram mais semelhantes aos homens nos índices literários.” Novamente: “Diferenças maiores de gênero na depressão maior foram encontradas em nações com maior igualdade de gênero e em estudos mais recentes.”

Os pesquisadores medem a depressão de acordo com padrões profissionais consistentes, permitindo a comparação ao longo do tempo. Os números para mulheres deprimidas podem chegar a 22%, de acordo com um estudo de 2012 que mede episódios depressivos maiores (MDE) em um ano. As taxas de MDE foram muito mais baixas nas gerações anteriores, onde as taxas de vida estavam entre 6,3 e 8,6% (ver Tabela 4 aqui).

Nem é apenas um artefato para um melhor diagnóstico. As mesmas diferenças são encontradas em uma meta-análise de 1989 de estudos entre 1960-1975, que descobriu que as mulheres em países avançados como os Estados Unidos e a Suécia tinham duas a três vezes mais probabilidade de ficar deprimidas, enquanto não havia esse problema em países mais tradicionais como (naquela época) a Coreia ou entre comunidades de imigrantes como os mexicanos-americanos. Um estudo semelhante de 1992 descobriu que “em comparação com o mesmo período de nascimentos elas correm maior risco de ter depressão maior”, com os países europeus e os Estados Unidos novamente medindo muito mais depressão do que os países da orla do Pacífico. A maior taxa geral de depressão feminina entre as gerações mais velhas foi de 3,7 %.

Com a depressão, vem o uso de antidepressivos. Muitos fatores são responsáveis pelo uso de antidepressivos, incluindo o desenvolvimento de mais e melhores medicamentos. No entanto, vemos a mesma (paradoxal!) Lacuna de depressão entre homens e mulheres e aumenta de uso com o tempo. Um estudo do CDC mostra um aumento de 65% no uso de antidepressivos entre americanos com idade acima de 12 anos entre 1999-2014. Em 2014, cerca de 16,5% das mulheres e 8,6% dos homens usam esses medicamentos. O uso é especialmente alto entre mulheres brancas.

As taxas de suicídio seguem o mesmo padrão. Muitos mais homens cometem suicídio, mas as mulheres estão encostando nos números. De acordo com um estudo, enquanto 21 homens cometem suicídio por 100.000 em 2016, o número comparável de mulheres é 6 por 100.000. Ainda assim, as taxas masculinas cresceram 21% entre 2000 e 2016, enquanto as taxas femininas cresceram 50%. Esse grande aumento de um pequeno número

pode ser enganoso, mas a tendência geral é consistente com outros indicadores.

Assim como as tentativas de suicídio, que são notoriamente difíceis de medir. O que alguns estudiosos chamam de “paradoxo de gênero no suicídio” - outro paradoxo! - é que os homens cometem suicídio com muito mais frequência do que as mulheres, mas as mulheres tentam o suicídio com muito mais frequência do que os homens. Cerca de três mulheres se auto-infligem sem a intenção de morrer para cada homem que morre.

Essa diferença e essas taxas mantiveram-se constantes entre 1990-1992 e 2001-2003. Ainda assim, a gravidade das tentativas aumentou neste mesmo período, com 153 visitas ao pronto-socorro por 100.000 pessoas no período posterior, em comparação com apenas 83 no anterior. Mas o número rotulado como urgente caiu de 95 para 70 durante esses períodos. A maior parte do aumento é, ao que parece, entre as meninas, que têm menos sucesso em tirar suas próprias vidas.

### **O Custo Humano**

Feministas argumentariam sobre por que a sociedade deveria abraçar a visão de uma nova mulher. Essa visão, de certa forma, surgiu, mas se mostrou menos satisfatória do que o anunciado. Betty Friedan e outros dos anos 1960 e 1970 olharam para a geração de sua mãe e viram donas de casa deprimidas tomando tranquilizantes. Os dados parecem mostrar que a progênie dessas feministas tem muito mais probabilidade de tomar antidepressivos e muito menos probabilidade de ter uma vida gratificante do que suas mães.

Não são mistérios. Os dados são fáceis de explicar se inferirmos que, intencionalmente ou não, o feminismo está simplesmente errado sobre como a maioria das mulheres é e o que a faz feliz. Os pesquisadores profissionais frequentemente se recusam a revisar suas suposições



anteriores à luz dos dados ou não podem fazê-lo por medo de uma repressão profissional caso se oponham à narrativa feminista.

Portanto, eles devem falar de “paradoxos”, como se a miséria de muitas mulheres fosse simplesmente coçar a cabeça. A preferência pelo trabalho em tempo parcial, a insatisfação com o sexo casual, a infelicidade ou depressão feminina ou a ideação suicida vêm, implicam, do fato de que nosso mundo é insuficientemente feminista. Mas a felicidade está ao virar da esquina, se apenas avançarmos no caminho feminista. O feminismo passa a parecer mais uma ideologia infalsificável do que uma explicação seria de por que as mulheres são como são. Como grande parte do cientificismo contemporâneo, as pesquisas feministas começam tomando suas premissas de credos e doutrinas, em vez de derivar seus princípios de uma visão imparcial do que os dados realmente mostram.

Todos os fenômenos sociais são infinitamente complexos. O feminismo não é a única razão pela qual as mulheres são mais infelizes, mais deprimidas ou mais suicidas do que no passado. Se as evidências apontassem na outra direção, entretanto, as feministas estariam usando os dados para divulgar seus sucessos. Como os dados minam suas expectativas, elas veem neles um paradoxo.

Este não é simplesmente um debate acadêmico. Nossos jovens, cada vez mais imersos em uma cultura de suposições feministas, são privados da chance sólida de felicidade conjugal e familiar. Essa ideologia sem alma, elaborada por intelectuais que descartam as esperanças de amor e ternura como ferramentas maliciosas de opressão patriarcal, transforma nossos jovens em turbas furiosas. Sua raiva, alimentada em parte pela destruição de suas famílias pela ideologia da elite, é, por sua vez, “armada” por nossas elites e direcionada à instituição da família. A condição miserável da família negra, a causa de grande parte de nossa praga urbana, é ignorada nos esforços para expandir a destruição da família por toda a América. Ora, esses são paradoxos genuínos - ou melhor, ironias!

As inadequações do feminismo são amplamente sentidas, embora raramente articuladas. O ensino público em todo o mundo ocidental

considera a mulher liberada e voltada para a carreira - a Mulher Independente - como o retrato honroso da realização e felicidade feminina. Este ensino público entra em conflito com o que muitas mulheres desejam.

Além disso, não é a liberação ou independência que torna os seres humanos felizes ou que lhes traz realização. Expor a simplicidade risível da ideologia feminista não é suficiente. As pessoas veem e sentem essa inadequação. Eles sentem que melhores costumes e leis poderiam acomodar melhor a persistente diferença entre os sexos humanos. Se quisermos restaurar a saúde de nossas famílias e de nossa nação, precisamos começar as pesquisas - e a política - na direção que os dados realmente apontam.

*Publicado originalmente por Scott Yenor e traduzido do inglês para o português.*

**CONTRA**  
**FATOS !**  
**CONTRAFATOS.COM.BR**